Salomão Rovedo

Assassinato no Cachambi

(Novela)

Rio de Janeiro, Cachambi
2022
Fim da Pandemia Covid-19

Para os frequentadores dos bares do Cachambi.
Para César Lotufo e Ricardo do Carmo, suburbanos de alma branca…

"É uma Aula sobre a Cultura do Cachambi, sobretudo em relação à Arqueologia - Antropologia dos Botecos da Região do Grande Méier! E que VIVAM o Sr. Augusto, a Dona Margarida e o Beto! As representações simbólicas são MUITAS, do Bloco do Cabral aos serviços de Bombeiros e Policiais; nesse sentido, o detetive Hércules (Poirot) é ÓTIMO!" (César Lotufo)

Miranda chegou ao Bar Carlito esbaforido, em visível estado de nervosismo, descontrolado e agitado.

“Já soube?”

“O quê?”

“A polícia está na casa do Couto”.

“Na casa do Couto? Mas o que o Couto teria de haver com a polícia? Um médico competente, não faz mal a uma mosca, sujeito pacato, ademais da honestidade, da vida exemplar”.

“Não se trata nada disso. O Couto foi encontrado morto esta manhã. Quando dona Margarida chegou para cumprir a jornada de afazeres domésticos, cozinhar, lavar, varrer, tirar o pó dos móveis – como todo dia faz desde a união do casal e continuou quando o Couto ficou viúvo – encontrou o corpo caído na cozinha, a cabeça e o tronco enfiados no forno. O cheiro de gás se espalhou pela casa e graças a Deus ela não teve necessidade de acender luz ou fogo qualquer, senão tudo iria pelos ares. A polícia acredita em suicídio”.

“Suicídio? O Couto? Não. De jeito nenhum! Mesmo com a perda da esposa, não diria que ele ficou feliz, mas que tirou um peso dos ombros, isso tirou, principalmente pela doença que a acometeu nos últimos anos de vida. Nunca reclamou abertamente das manias dela, nós conhecíamos o quanto dona Dulce – quando queria – era arreliada, mandona, dura nas palavras, controladora, mais por conta das bebedeiras do marido (culpa nossa). Quantas vezes veio aqui tirar na marra o Couto do nosso convívio! No entanto, tirando esse senão, era o casal, como se diz, feito um para o outro. Não posso reclamar, porque eles sempre me receberam bem em casa. Nossas famílias são vizinhas há tempos, de bom convívio, sempre ajudando nas necessidades e emergências comuns”.

“Vamos lá?”

“Vamos, mas antes me deixa tomar um quente para desanuviar o nervosismo. Meu Deus! O Couto morto! Não dá para acreditar...”

Sim, era coisa difícil de acreditar mesmo: sobreviver a uma Pandemia trabalhando em hospital público, para morrer sufocado por gás de cozinha, na tranquilidade do lar. Porra. Que merda! Ontem mesmo estávamos todos juntos aqui bebendo e jogando conversa fora, repetindo as mesmas histórias, rindo das velhas piadas, semeando nostalgias e, claro, relembrando as mulheres que passaram por nossas vidas. Daí o espanto. Contrariando hábitos, Miranda bebeu a dose da cachaça Magnífica de uma só talagada.

Seguimos pelas ruas Cachambi e Hermínia, cruzamos a Ferreira e desembocamos na Baldraco. A casa do Couto era logo no início na calçada da esquerda, número ímpar, pois. Fachada simples, três janelas, a porta dando ao pequeno jardim, depois o portão direto na calçada, das muitas construídas quando o Cachambi era ainda um lugar sossegado. Seguindo rua acima, se estabeleceu uma afamada boca-de-fumo – ponto de venda de maconha, papelotes de cocaína e outras drogas químicas em comprimidos, para estimular os adolescentes a encarar a noitada nas baladas. Depois, o Centro Espírita Pai Joaquim de Hauçá, de onde os atabaques soavam nas noites e madrugadas de sexta-feira.

Essas atividades acabaram por botar a rua na agenda da polícia. Tirando isso e alguns furtos praticados por moleques montados em bicicletas roubadas, eram poucas as ocorrências policiais na área, mas a criminalidade aumentava a cada dia e começava a preocupar as autoridades competentes. Por isso havia certa agitação anormal em frente à casa do Couto. O papa-defuntos com uma equipe dos bombeiros, para transportar o cadáver ao IML, o veículo da Polícia Civil e outras viaturas estavam estacionados à porta. Policiais militares armados de fuzis circulavam pela redondeza de má fama. Fomos apresentados ao jovem detetive Hércules, encarregado do caso e, estabelecido o conhecimento entre todos, de pronto declaramos nossa dúvida quanto à teoria do suicídio.

"Somos amigos desde sempre, como irmãos, do tempo de estudantes, nossas famílias convivem aqui há décadas, portanto temos certeza de que o doutor Couto não teria nada que o levasse a cometer suicídio" – dissemos quase em uníssono.

O detetive, jovem e atlético, sorriu, compreensivo.

"Você é o senhor Miranda?"

"Não. É ele aqui".

"Estava justamente procurando localizá-lo. Fui informado de que o filho único da vítima mora na Austrália, assim, peço que inicialmente seja você a pessoa responsável pelas primeiras providências e ponto de contato. Falo de reconhecimento, funerária, enterro, essa burocracia toda que nos acompanha até os ossos. Pelo menos foi o que os vizinhos afirmaram. Me disseram, até, que o senhor é irmão dele".

Miranda não negou nada. Assumiu toda a responsabilidade pelas providências que o detetive relacionou:

"Bem, irmão, irmão de sangue mesmo não somos. Mas certas amizades são tão profundas que refletem mais que simples irmandade. Pode deixar que assumo todas as providências iniciais. Tudo. Tudo que puder resolver e ajudar é comigo. Seu filho, o Coutinho – que também é médico – como você há deve saber, mora na Austrália. Comunicarei o ocorrido a ele, mas é quase improvável que venha a tempo do enterro. Terá que vir, porém, para tratar do inventário e da papelada de cartórios e repartições oficiais. Mas…"

"Não se preocupe – o detetive interrompeu – quanto ao fato de ter sido suicídio ou não, pedirei rigorosa autópsia. Já anotei algumas incongruências, os datiloscopistas estão trabalhando nos detalhes, impressões digitais, DNA, etc. São profissionais competentes e se houver o mínimo indício de crime aparecerá nos relatórios. Por enquanto o caso será tratado por mim, na Delegacia do Méier como suicídio. Não divulguem nada em contrário. Aqui está o meu telefone, amanhã mesmo já pode me ligar".

Eu e Miranda também informamos nossos telefones e procuramos nos inteirar sobre a liberação da casa, questão de limpeza, guarda de objetos pessoais, coisas que teriam de ser feitas, para salvaguardar os bens do Couto.

"Depois que os rapazes acabarem o trabalho, daqui a algumas horas, já pode entrar, mas sem mexer em nada, digo, não tirar do lugar, preservar o ambiente. Quanto aos pertences pessoais, peço que relacionem tudo, me enviem cópia, resumo do que foi feito e guarde tudo em lugar seguro. O melhor é ficar em posse da polícia. Fotografias, agendas, anotações médicas, remédios em uso, car-

tas, diários – tudo isso é importante agora neste primeiro momento, ainda mais sabendo que vocês insistam em sustentar a tese de não suicídio".

Eu e Miranda concordamos com tudo e, mais ainda, nos sentimos como se fôssemos parte importante nas investigações. Ao se despedir, Miranda comentou:

"Você tem o mesmo nome de um famoso detetive belga, do qual escreveram muito livros e fizeram dezenas de filmes. Tomara que tenha o mesmo talento".

Hércules riu e acrescentou:

"Eu também, por influência de meu pai, li Agatha Christie e ganhei o nome por causa de Poirot. Mas hoje os tempos são outros, os detetives, como o inglês Morse, têm nos métodos científicos modernos e na informática, preciosos elementos auxiliares nas investigações. No entanto, usar as 'células cinzentas', como Poirot costuma referir ao cérebro, ainda é importante e válido, tanto quanto palpite de amigos..."

Já dentro da viatura passou por nós e acrescentou:

"Ouçam bem, é importante saber que a polícia está tratando o caso como suicídio. Portanto, nenhum comentário se fará contradizendo essa linha. Nada de fofocas, nada de disse-me-disse, nada de conversa de botequim. E nada de bancar o herói ou detetive de romance de mistério! Todo crime é perigoso. Chau. Um abraço".

*****

Para os nerds que colecionam estatísticas e informações inúteis, é bom saber que a Rua Baldraco – artéria típica dos bairros suburbanos cariocas – vem desde os altos da Rua Oito de Setembro, cruza a Rua Cristiânia, para desembocar de frente para a Escola Thomas Mann, confluência das ruas Ferreira de Andrade e Aristides Caire, no largo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, Padroeira do Brasil.

A festa da Padroeira, no dia 12 de outubro, é de grande animação e movimenta o comércio local por uma semana inteira. A festividade, típica do culto católico, tem missas e novenas realizadas durante todo o evento, cujo encerramento se dá com a presença importante do Arcebispo do Rio de Janeiro, que capitaneia movimentada e ruidosa procissão, animada a cantos sacros, anjinhos, velas acesas, feérico foguetório, pétalas de rosas despejadas de helicóptero e tudo mais. Uma centena de barraquinhas cercam a igreja e se estendem pelas ruas adjacentes, vendendo não só santinhos e adereços cristãos, como, principalmente, comidas e doces típicos.

Nesses dias nossa turminha mista deixa de frequentar o Bar Carlito e foge para o Arcuense Bar e Restaurante, na esquina das ruas Capitão Resende e Cachambi, onde o portuga Augusto se diverte jogando relancinho e truco com clientes perpétuos, enquanto sua mulher, a mulata Tereza, comanda o preparo dos acepipes do dia. Ali, há poucos metros da festa, pode-se gozar o merecido silêncio necessário ao bate-papo de botequim. A linha de cervejas não era lá essa coisa – todas de segunda, diga-se a verdade, pois jamais ninguém viu ou bebeu a puro malte da geladeira do Arcuense.

O portuga Augusto compensou a grave falta mantendo a despensa repleta de acepipes enlatados, que mandava trazer das terras lusitanas para consumo próprio (é o que dizia), mas estavam nas prateleiras disponíveis aos clientes, a um preço salgado. Era uma variedade de respeito.

Desde azeite extravirgem Mondegão, Saloio e Gallo, aos famosos e fartos enlatados Ramires, Bom Petisco, Minerva e Nuri (de Matosinhos). As conservas, também em azeite virgem: azeito-

nas pretas e verdes, sardinhas, bacalhau, ovas de sardinha, filé de enguias, polvo à feira, atum dos Açores, cavala, lulas, deixavam lábios molhados de prazer. Os potes de vidro com grão-de-bico, favas, feijões e tremoços, se espalhavam na prateleira sobre os enlatados. Esses potes eram logo atacados pelo Miranda, que, após soltar a pele entre os dedos, tinha prazer em ficar disparando o grão do tremoço na boca.

E que dizer dos conhaques e bebidas nobres? O Augusto escondia litros de Aguardente Velha CR&F, Conhaque Macieira e Jerez originais, Ginja de Óbidos, além das bagaceiras sem rótulo feitas em casa e enviadas por amigos e parentes. Quando estávamos altas horas nessa degustação – que o Augusto acompanhava com prazer – Tereza chegava com a travessa cheia de pedaços de carneiro assado, tenro, picante, bem temperado, que acompanhava nobremente qualquer álcool, quanto mais as iguarias que Augusto escondia a quatro chaves, temendo o justo assalto dos amigos à sua rica despensa, turma que não jogava cartas e só aparecia ali para dissipar o barulho da Festa de Aparecida. Mas "eram gajos alegre, de boa índole e bem viver – disse-nos ele certa vez – e gente assim é sempre bem recebida em minha casa".

Esse era o portuga Augusto, cujo único defeito era demonstrar o ciúme doentio que tinha da mulher, quando algum desavisado paquerava a sua Tereza. Mas era difícil conter o olhar para a bunda rebolativa quando a mulata passava entre as mesas atendendo aos pedidos dos fregueses. Enfim, o Augusto já se foi, em boa idade e sem aviso prévio – pois estava sempre alegre e saudoso da boa terra – deixando a Tereza viúva sem forças suficientes para tocar o bar-restaurante. Em sendo assim, o Arcuense fechou as portas junto com a alma do seu dono. Por outro lado, tem a coisa boa da morte: o portuga Augusto não seria mais vítima do ciúme que o castigou durante anos – às vezes provocado artificialmente, só para vibrar com a vermelhidão excessiva que subia do pescoço à face redonda.

Pois ali na Rua Baldraco – voltemos à história – o casal Couto e Dulce resolveu morar, mais por comodidade do médico (nomeado Diretor do Hospital Salgado Filho e teria consultório na área), que necessidade: ambos tinham residência em Ipanema e também em Búzios, para as férias. A família de Dulce, quatrocentões da Zona Sul, não se opôs, porque sabia que ela estava em boas mãos: quando o Couto e Dulce se conheceram os pais notaram a mudança para a felicidade nos gestos e feições da filha, geralmente delicada, de raros sorrisos. A esposa do Dr. Couto tinha a saúde frágil como uma pétala de margarida. Assim, se casar com médico era mais que milagre: seria capaz de conceder vida mais longa e saudável que a esperada pela família, segundo os vaticínios da ciência e dos sussurros dos especialistas que a atenderam, aqui e no exterior.

O casamento durou mais de vinte anos de felicidade, amor, cumplicidade e compreensão ante as deficiências de cada um: Dulce era católica e encontrou na Igreja Aparecida campo fértil para a paz espiritual e expandir sua bondade ajudando a construir o Centro Comunitário da Diocese, mantendo-se ocupada e ativa na gestão e administração da entidade, arregimentando recursos, tirando as autoridades da inércia a que estão habituadas. Isso ela jamais conseguiria morando em Ipanema, diga-se de passagem.

Tudo desabou quando ela sentiu um nódulo no seio esquerdo. Couto logo providenciou os exames, seguindo a opinião do médico oncologista de que era um mal benigno, sem necessidade de qualquer procedimento. O Couto não se satisfez e foi em busca de segunda opinião, que acabou sendo radicalmente oposta: foi necessária mastectomia e tratamento quimioterápico de urgência. A fragilidade de Dulce era o obstáculo natural – bem oposta à atividade social cotidiana – deixando a todos temerosos e apenas com um fio se esperança. Daí ao tratamento caseiro, quando o amor substitui o ambiente hospitalar tenso, em benefício da quimioterapia, foi o passo seguinte. Dulce, à custa de vários tratamentos experimentais, o uso de cocaína, analgésicos modernos fortíssimos, além da força de vontade sobrenatural, conseguiu se manter ativa até os últimos dias.

Enfim, a Dulce se foi, fechou os olhos para sempre, de mãos dadas e na companhia do inseparável marido e companheiro Dr. Couto Era esse tipo de companheirismo que, nos últimos dias, a mantinha alegre, saudosa da atividade beneficente a que se dedicava com afinco, desprendimento, de corpo e alma. Dulce deixou um viúvo sem força e ânimo para tocar a direção do hospital, do qual se aposentou, mantendo apenas atendimento em casa e domiciliar. Embora não fosse religioso como a esposa, abriu um pequeno consultório para atendimento gratuito no Centro Comunitário, que logo em seguida recebeu o nome da sua grande benfeitora Dulce Couto. Com absoluta certeza, tudo isso o Couto fazia não só em memória da esposa, mas para se manter ativo, sem a mínima intenção de tirar a própria vida. Couto sempre nos lembrava:

"A Dulce me fez jurar seguir com as atividades beneficentes que ela ajudou a fundar e manter. Dei minha palavra que assim faria!"

*****

Após encerrada a perícia, eu e Miranda finalmente entramos na residência do Couto. A casa tinha, logo após o portão, dois pequenos terrenos retangulares paralelos que poderiam servir de jardim e de fato assim foi no tempo que dona Dulce esteve ativa, plantado com roseiras de diversos matizes, malmequer, cravo, fim-de-verão, lírio-do-mato. Depois que o Couto enviuvou o jardim caiu no abandono, o capim engolfou as roseiras, o floral murchou, as ervas e outras plantas silvestres tomaram conta do lugar.

Os pardais, as rolinhas, beija-flores, os caga-sebinhos e pombos de rua faziam a festa no pequeno matagal que se formou. Uma bica ao lado, que servia para regar o jardim, estava sempre pingando água, formando uma poça perene, o que fazia o ambiente ideal para a bicharada suburbana que se aproveitava do local. Não seria de admirar se à noite os ratos circulassem livres, tendo cuidado para não serem surpreendidos pelas corujas que caçavam nos quintais e terrenos baldios o alimento próprio e para os filhotes.

Antes, é bom dizer, o Couto distribuiu entre poucos amigos cópias da chave da casa, justificando:

"Pode ser que qualquer dia me dê um piripaque… e babau!"

O Couto, pois, morava numa casa com ambiente típico do subúrbio, em nada lembrando o apartamento da Zona Sul ou a casa de veraneio em Búzios. Chegamos. As dobradiças do portão de ferro tangeram em dó menor quando foi aberto de par em par. O ambiente interior, já conhecido por nós, era de decoração simples: à pequena varanda da entrada seguia uma sala ampla de piso assoalhado, três quartos, dois banheiros, copa, cozinha, área nos fundos, o pequeno quintal com pequenas árvores frutíferas, duas mangueiras sombrosas.

Depois que ficou sozinho, Couto circulava por pouco espaço: continuou dormindo no quarto do casal, suíte com banheiro e lavabo; usava a cozinha para tomar um cafezinho e fazer pequenos lanches; a sala virou área de trânsito, mesmo para os pouquíssimos amigos que recebia em raros momentos; na mesinha cabia o velho desktop Samsung, que servia para fazer a correspondência, ler e-mails, saber as notícias, tirar e imprimir boletos, coisas assim. Só parava ali para, arriado na poltrona de couro, assistir partidas de futebol na TV dando bicadas no uísque servido *one-shot*, e depois sair para caminhar e encontrar os amigos. O piano Pleyel meia cauda, que ficou sem uso com a morte de Dulce, estava escondido no canto.

“A casa – dizia o Couto – agora é de dona Margarida. Quando quer dorme por lá mesmo, às vezes traz a sobrinha Anabela com o namorado Rodhrygo, oficialmente para ajudar na limpeza, mas na verdade vem é pegar um dinheirinho para compras pessoais e me lembrar quando tem contas a pagar. Dona Margarida faz de tudo um pouco, e mais ainda. Não preciso detalhar, nem dar ordens, nem pedir faça isso, faça aquilo. Dona Margarida é uma mão-na-roda, tem carta branca para resolver o que for possível. O impossível ela deixa comigo”.

Fomos direto ao quarto que era do casal. Um grande guarda-roupas ocupara quase a parede inteira. Logo vimos por quê: internamente era dividido em duas partes iguais, uma para as roupas do Couto, outra para as vestes, maquiagens, perfumes e cremes da Dulce. No interior das primeiras portas, tanto do lado masculino quanto do feminino, havia um grande espelho de corpo inteiro. Tudo indicava, de modo inequívoco, que a decoração e disposição das peças no quarto foram de responsabilidade (e habilidade) de Dulce. Era um quarto perfeitamente organizado por mãos femininas, o Couto ali não metera o dedo em nada.

“Vamos mexer nas coisas com cuidado – disse a Miranda. Nos interessa aqueles detalhes que possam auxiliar na investigação, coisas que a equipe da polícia não viu ou deu pouca importância. E, principalmente, ajudem a responder perguntas: ‘Quem matou o Couto? A quem interessava a morte do Couto? Por que o Couto foi assassinado? Quem pode ser considerado suspeito do crime?’ Pensar, pensar, Miranda. Vamos raciocinar sem paixão, sempre lembrando que o Couto não merecia essa maldade”.

Miranda começou pelas gavetas da cômoda, que parecia de uso comum: cuecas samba-canção (o Couto ainda usava samba-canção!), calcinhas e sutiãs de seda, lenços masculinos (o Couto ainda usava lenço!) e femininos com borda rendada, gravatas *Made in Italy* (até o Couto caiu nessa!), meias de náilon, meia-calça, lingerie, meias Lupo (o Couto usava meias Lupo!), dois leques feitos de sândalo com detalhes da Andaluzia (a Dulce usava leque!), uma caixinha redonda com um Terço de Fátima perfumado. Todas essas peças e mais outras miudezas estavam cuidadosamente arrumadas nos seis gavetões da cômoda.

Miranda relatou a pesquisa:

“Aqui nesta cômoda não achei nada. Só roupa, acessórios de uso diário, lenço, cueca, calcinha, gravata. Nada anormal. E parece que não mexeram tem está faltando nada. Portanto, roubo não foi”.

“Miranda – repliquei – nas histórias policiais sabe onde as pessoas escondem coisas para não serem encontradas? Embaixo das gavetas! Dá uma olhada.” Pode ter algum envelope colado contendo o testamento secreto do Couto” – disse aos risos.

“Porra, esses gavetões são pesados paca!”

“Espera um pouco que te dou uma ajuda. Aqui no armário e nas gavetas do banheiro também não achei nada anormal. Mas tem muito comprimido controlado, viagra, camisinha, tudo exposto normalmente. O casal não era de esconder nada um do outro. Tem até um tubinho de KY! Esse Couto! Essa Dulce!”

Como é comum acontecer, até então pouco sabíamos desse lado da vida de Couto e Dulce. Essa intimidade que fica guardada nos armários, nos gavetões das cômodas, nos banheiros, nos cantos dos quartos de casais, se mantém intacta e secreta, na maioria das vezes é levada ao cemitério junto com a história de uma vida.

*****

Depois de assistir as séries do Detetive belga Hercule Poirot, ambíguo em todas as acepções, das estrepolias do casal Tommy Beresford e Tuppence Cowley, dos pitacos certeiros de Miss Marple e aventuras da própria novelista Agatha Christie, acabei por assimilar algumas manias de investigação. Mas não caí na bobeira de ver em tudo algum indício de crime, também não peguei o vício de ouvir em cada palavra, em cada frase, a declaração de réu confesso, mas sei que isso acontece a algumas pessoas fanáticas por filmes, romances e quadrinhos com histórias de detetive.

Basta dizer que tem dezenas de clubes, grupos formados na internet, redes sociais, que reúnem milhares de seguidores e fãs das histórias e personagens de Conan Doyle, Agatha Christie, G. K. Chesterton, Colin Dexter. Georges Simenon, até do desconhecido Ellis Peters, criador do improvável Frade Cadfael (*The Cadfael Chronicles*), vegetariano, herborista, ex-combatente das Cruzadas, que se internou num convento para expiar as atrocidades das batalhas sangrentas em nome da religião, que presenciou e participou na chamada Terra Santa, e agora, entre breves e canções sacras medievais soluciona crimes e mistérios humanos.

Por isso, não é vã a minha afirmação, endossada pelo Miranda, de que era impossível o Couto se suicidar. Nós três formávamos um clã à parte da turma do botequim, porque fomos vizinhos, as famílias se conheciam, nos aproximamos adolescentes, estudamos na mesma época e mesmo depois de casados ou não, continuamos os encontros, a sós e familiares, as festas de aniversário, comemoramos as datas festivas, toda essa vida social de hábitos comuns. E quem queria a nos encontrar, saberia aonde, pois frequentávamos o mesmo botequim há tempos (mais de uma vez vimos a casa mudar de dono), sendo que neste caso – claro – a turma aumentou, o grupo de amigos de botequim se formou, também com suas idas e vindas, acréscimos e decréscimos… Só o trio não se desfez nunca.

No caso dos gavetões, por exemplo, não encontramos nenhum envelope misterioso, mas descobrimos no fundo de um deles marcas de fita gomada, sinais de que algo foi arrancado dali. A primeira coisa que pensamos é que a polícia achou algo e levou como prova. No canto da estante, atrás de livros antigos e raramente lidos, encontramos um velho revólver Taurus calibre 22. Miranda, encarnando o espírito detetivesco, teve o cuidado de pegar a arma com um pano e meter num envelope. No demais, como sugerido pelo detetive Hércules, juntamos todos os objetos – incluía as joias da Dulce, relógios, pequenas peças decorativas – tudo que julgamos de valor foi relacionado e guardado numa caixa. Depois, papel e caneta nas mãos, anotamos o que havia na casa, mobília, móveis, quadros, equipamento eletrônico, TV, Som, quinquilharias. Nada, mesmo coisas consideradas inúteis na investigação, ficou sem que fosse anotado.

Mal havíamos terminado essa verdadeira operação de guerra quando chegou dona Margarida. Ainda bem que ela estava só, pois eu e o Miranda já havíamos combinado, por precaução, defenestrar o jovem casal de namorados e proibi-los de entrar na casa enquanto durasse a investigação. Chamamos dona Margarida a um particular para expor toda a situação. Primeiro: a polícia estava no comando e determinou que somente ela, eu e o Miranda poderiam ter acesso à casa, mais ninguém (inclusive o casal de namorados); Segundo: ela seria a responsável pela manutenção, limpeza, correspondência, contas; Terceiro: tudo o mais que ocorresse no recinto só poderia ser feito com comunicação à polícia. Deixamos com ela o telefone do detetive Hércules, da Delegacia do Méier, como policial responsável. Fizemos saber que o Coutinho, filho único (que também era médico e morava fora do Rio), já tinha sido avisado e chegaria a qualquer momento. Ela quis saber se poderia continuar a dormir ali, não criamos problemas quanto a isso – era até conveniente para evitar invasões.

“Dona Margarida, a senhora é pessoa de confiança, tanto da família, quanto de nós, amigos a parentes do Couto. Só fazemos essas obervações por exigência da polícia e no seu próprio interesse,

para não ser envolvida injustamente". Ela se deu por satisfeita, ficou feliz até, vendo que nossas intenções eram as melhores possíveis e assim, entre agradecimentos e obrigados comoventes, nos despedimos.

Juntamos os envelopes e todo o material que tínhamos recolhido e rumamos para a 23ª DP ao encontro do Dr. Hércules. Como não tínhamos marcado nada, pegamos o detetive de saída, mas deu tempo para uma explanação rápida, deixar todo o material com ele, inclusive as folhas do inventário anotado, o revólver, a caixa de objetos pessoais. Reportamos sobre o casal Anabela e Rodhrygo para possível investigação, repassamos a conversa que tivemos com dona Margarida. Já dentro do carro (Hércules não usava a viatura oficial), deu tempo de comentar sobre os sinais do fundo do gavetão e para confirmar se a polícia tinha tomado posse das provas encontradas ali num envelope.

"Não. Não chegou a mim nenhum envelope ou papel nessas condições. Se estiver conosco, chegará, com certeza. Estou a caminho de um compromisso particular, amanhã passem aqui. Vamos ver o que o que os detetives amadores conseguiram. Ah, o IML ainda não enviou o resultado da autópsia. Paciência."

*****

Quando cheguei ao Bar Carlito estava lá a turma toda, exceto o Couto, claro. A conversa ainda girava em torno do 'suicídio', mas também já se adiantava onde seria o velório, horário, local, o enterro ou cremação. Comentava-se muito sobre a vida do Couto, possibilidades e impossibilidades do suicídio, as relações com a esposa Dulce. Carrancuda à primeira vista, sabia-se que era de extremada devoção. O amor e amizade, a paixão que resistia ao tempo, às querelas comuns aos casais, até que a paisagem desse tempo feliz veio desmoronar com o sofrimento, a descoberta do câncer, doença lenta e dolorosa, o tratamento químico agudo, que tenta curar, mas destrói o físico e o espiritual. Por fim, a saudade extrema que a esposa deixou no Couto, em prejuízo direto para a carreira médica, provocando aposentadoria precoce, afetando de modo cruel a vida psicológica pessoal.

Depois, meio que de surpresa, adentrou ao Carlito o Coutinho, que havia recém-chegado de viagem, não só para tratar do funeral como das posses da família, a burocracia dos cartórios, o processo que corria na polícia e tudo o mais. Cumprimentou a todos, recebeu muitos abraços e condolências, a seguir nos informou sobre o pedido do pai optando pela cremação, acompanhada dos rituais religiosos preliminares, atendendo exigências da esposa, católica praticante. Se fosse assim, então, a cerimônia seria no Cemitério do Carmo, no Caju, seguida de missa de sétimo dia, na Igreja Aparecida. No entanto, tudo que se falava ainda era premissa, porque o corpo não tinha sido liberado pelo IML e a polícia trabalhava no caso lentamente, estaria ouvindo dona Margarida, o casal de sobrinhos, ainda não identificara os outros amigos que tinham posse de chave da casa, mantendo em segredo a suspeita de crime.

De nossa parte repassamos ao Coutinho tudo o que era possível falar, indicamos e elogiamos o detetive Hércules, que fazia um bom trabalho, demos certeza de que ele, o Coutinho, teria todo apoio da polícia nesse caso e, por fim, nos oferecemos para resolver todas as pendências que ficassem aqui, pois era notório que ele teria de voltar para cumprir os compromissos deixados na Austrália. Por sua vez, o Coutinho se mostrou tão prático quanto o pai, já havia feito um prévio contato com o Hércules, marcado a ida ao IML, depois à Delegacia para cumprir as exigências legais. Mais uma vez apresentamos, comovidos, nossas condolências (ele sabia bem o quanto éramos amigos do Couto e da família), por sua vez retribuiu com recomendações a nossos familiares, cumprimos todos os protocolos, nos despedimos, trocamos telefones, marcamos outro encontro.

Devido a esse encontro inesperado com o Coutinho (devido à Pandemia esperávamos mais demora na viagem), eu e Miranda seguimos diretamente para a Delegacia ao encontro do detetive Hércules.

"Estou ouvindo" – ele disse…

Começamos pelo anúncio da chegada do filho também médico, Dr. Coutinho, depois a relatar tudo confusamente, eu e o Miranda animados demais misturávamos as falas, repassamos a informação de que dona Margarida certamente tinha conhecimento da identidade das pessoas que tinham cópia das chaves, com certeza, estariam entre os parceiros do botequim. Alertamos que informar mais do que isso seria denunciar nossa participação direta e alimentar a desconfiança de que a tese de suicídio era falsa. O Hércules anotava tudo num bloquinho, mas toda hora saía para atender a um chamado, um telefonema, coisas do ofício.

Assim que tivemos um momento a sós, o Miranda me informou que, antes, recebeu um telefonema do Hércules confirmando que, de fato, toda aquela arrumação encontrada na cena da morte do Couto tinha sido montada, tudo era falso, acharam impressões digitais a valer no corpo, nas roupas, no fogão. Tinha uma importante, mas de difícil comprovação como indício: a encontrada na válvula do gás.

Oficialmente, ficou definido pelos indícios e exames feitos no cadáver é que a vítima tinha recebido uma pancada contundente na cabeça e, sem sentidos, o corpo tinha sido colocado no forno, até a altura do tronco. A *causa mortis* se manteve por inalação de gás, o que determinava que o corpo do Couto havia sido metido no fogão ainda com vida. A nossa reação, como amigos fiéis, foi de pasmo e ódio. Nesse momento o telefone do Miranda tocou. Era o Coutinho dizendo que fora convocado para comparecer à Delegacia imediatamente. Na volta nos encontramos com a turma no Bar Carlito, pusemos as notícias em dia, mas já era tarde. Trocadas as últimas informações, a conversa mirrou, o grupo foi se desfazendo aos poucos, me despedi do Miranda e comecei a caminhar para casa, ainda tentando bancar o detetive, jurando, em memória do Couto, descobrir e pôr na cadeia quem havia cometido aquela crueldade com o querido amigo.

Mas eu não era detetive dos romances e filmes. Não tinha trejeito para ver coisas mínimas como se fossem pistas que levassem ao culpado. Embora esse sonho, a imaginação exacerbada, me perseguisse quando a aposentadoria como despachante me atirou direto ao universo das produções detetivescas inglesas, nórdicas e francesas. Foi passando pelo Inspetor-chefe Morse, homem culto, apreciador de ópera e arte, que largou a faculdade de Oxford para participar da guerra e depois ser policial já na idade, que gosta de birita e vive cantando as mulheres (às vezes ganha, às vezes não), que me enredei nesse imaginário. Mas sem jamais pensar que isso tudo me fosse útil algum dia.

*****

Sim, sem dúvida alguma a perda de Dulce foi trágica demais para o Couto, deixando os amigos preocupados. A certo tempo deixou impressão de que ele perdera a razão de uma vez para sempre. Estaria o Couto ficando louco? A amizade de botequim traz consigo maior proximidade com as mazelas pessoais, as pequenas tragédias domésticas, das quais ninguém quer tomar conhecimento. Por isso vai ao bar… Mas, enfim, amigo é para essas coisas. O Couto, por exemplo, que era de discussões raras, de repente ficou irritadiço. Por ser médico, o que dizia sobre a saúde era decreto-lei. Até que, um dia, em meio a discussão sobre o tema, apontou o dedo indicador para o teto do bar e decretou:

"Amigo, você é o que suas fezes são! Ou seja: tu és o que tu cagas".

Isso causou espanto porque Dr. Couto, afinal, não era dado a explosões. Então, tanto o tema absurdo, quanto a atitude inédita do médico, chamou a atenção dos frequentadores e se consolidou como um tipo de identidade desconhecida, Jekyll e Hyde… A partir desse dia o médico ora ridicularizado, ora levado a sério – a cada reencontro a tese da boa cagada se transformou em gozação. O pior estaria por vir e a crise se agravou de vez quando ele perdeu a Dulce. Temíamos um colapso.

Chegava ao bar, cercava-se dos amigos e depois do primeiro cumprimento:

"Dr. Couto! Prazer em vê-lo. Como vai?"

"Ótimo, não fossem as agruras da vida. O prazer é meu. Acordei com ânimo, dei uma bela cagada e cá estou com os bons amigos!"

Só então o papo rolava agradável, não fossem os percalços de ser intercalado com observações sobre a arte de bem cagar. Agruras que se intensificavam a cada dia, reforçando a ideia de que Dr. Couto estava perdendo a briga contra a viuvez, a amarga solidão, o fardo que traz ter que vencer os últimos anos de vida sozinho.

E começou a afetar também o último refúgio, o remédio justo para essas amarguras: alguns dos amigos de botequim começaram a se afastar. Mal o Couto apontava na esquina da Ferreira de Andrade, ocorria a debandada dos insatisfeitos. A maioria dos que ainda aturavam as intervenções cada vez mais sem sentido – algumas até ofensivas – o faziam em silêncio desdenhoso. O estouro final se deu quando uma dessas pessoas, sem mesmo pressentir a conotação da palavra, confrontou um dos decretos leis da saúde apregoados pelo Couto com a frase:

"Mas, Dr. Couto! Me admira que afirme isso! Você tem merda na cabeça?"

A baderna que se seguiu envolvendo todo o botequim só foi controlada com a chegada da ambulância do SAMU onde Dr. Couto, depois de receber na veia 20mg da famosa "sossega leão", foi enfiado pelos paramédicos vestindo uma camisa de força.

Esse procedimento desastroso também passou a influenciar as pessoas mais chegadas, amigos íntimos da família do Couto, como os quatro mosqueteiros do Carlito, que eram cinco. O Miranda certa vez acordou incarnado no espírito do Couto: ao primeiro "bom dia" respondeu com as frases que o doutor e amigo costuma pregar abertamente sobre a arte do bem defecar.

"Bom dia! Acordei, dei uma bela cagada e aqui estou entre os melhores amigos!"

Pois assim foi comigo: ao ser convocado para cumprir a exigência fisiológica, corri ao banheiro imediatamente e, por trauma psicológico ou não, com o pensamento acorrentado às ideias do Couto. É claro que esse pensamento veio acompanhado de risos, pois o Dr. Couto, mesmo quando fala profissional e cientificamente, provoca a dúbia sensação de que o tema ora é sério, ora é piada – nunca se sabe.

"Meu amigo – ouvia a voz do Couto sussurrando ao meu ouvido como confiasse segredo de Estado – nosso intestino é um aterro sanitário que precisa ser higienizado a todo instante".

Essas "lições do bem cagar segundo Dr. Couto", mereciam canal próprio no Youtube. Mais ou menos dessa maneira agia o meu amigo Salvador (grego que já atropelara os 90 anos e seguia firme e forte), quando indagado sobre a própria longevidade, respondeu com simplicidade:

“Não faço nada demais. A única coisa a que me obrigo é jamais dormir com o intestino ocupado (cheio)”.

Também, ainda sentado no troninho, puxado pelo ‘mal do Couto’, recordei os versos que li no banheiro da rodoviária e que o engenheiro e escritor paranaense Eno Teodoro Wanke (o maior conhecedor da história da Trova e do Trovismo, devastando-o em cinco volumes desde os tempos medievais) reproduziu no seu livro “Neste lugar solitário” (A trova em grafites de banheiro, 1988), do qual fui colaborador, em que publicou pesquisa sobre a dita “poesia de latrina”:

Neste lugar solitário
Toda vaidade se acaba:
Aqui o medroso faz força
Aqui o valente se caga!

Para nossa felicidade, dias depois aparece no Carlito o Couto sorridente e rejuvenescido, distribuindo beijos e abraços calorosos, desejando paz, amor e felicidade e todos. Eu, Miranda, Portuga, Severino, Tocão, as meninas da turma do boteco, ficamos surpresos e felizes ao ver o Couto aparecer assim festivo, sem nenhum resquício do surtom a ameaça de loucura, com que nos assustou. Parecia renascido das profundas cavernas a que a mente nos leva durante os traumas, trancos e barrancos, comuns no percurso da vida.

Foi justo essa atuação sincera – que se repetiu e consolidou nos encontros seguintes – que nos levou à irritação máxima ao ter conhecimento dessa verdadeira fakenews que ele teria se suicidado. Toda essa sinceridade foi transmitida ao máximo para o detetive Hércules quando das primeiras conversas, fazendo-o pensar que não era impossível a suspeita de ter havido crime na Rua Baldraco: o Couto era assim, não era aquele.

*****

Marquei com Miranda um encontro no Bar do Beto, na rua Santa Fé (fundos do Hospital Salgado Filho); depois seguiríamos para a Delegacia, que fica bem perto, ao lado do Museu do Corpo de Bombeiros, para encontrar o Hércules. Pois nem foi preciso ir até lá: estávamos bicando uma dose da cachacinha Magnífica, pura, cristalina, tiragosto de salaminho com limão e tremoço (quem pediu foi o Miranda), quando o detetive Hércules chegou para tomar um cafezinho no copo.

“Olá! Foi bom encontrar vocês. Beto, bota um cafezinho, por favor. Obrigado, não vou acompanhar vocês, estou trabalhando” – disse depois do nosso atrevido oferecimento; mas a Magnífica era só o que tínhamos no momento. “Mas um dia desses a gente destroça uma Magnífica dessas aí. Eu também aprecio”. Quando alguém diz que ‘aprecia’ a cachaça, acredite, esse não é biriteiro de fé. É, como se diz hoje em dia, um mero ‘*cachacier*’. No entanto, fingimos acreditar.

Então, aproveitamos o encontro casual para pôr em dia as novidades de ambas as partes. Do nosso lado, o assunto foi, principalmente, dona Margarida, demonstrando crença de que ela era pessoa acima de qualquer suspeita. Trabalhava com a família há tempos, recebia elogios em tudo que fazia, tinha o comando da casa, enfim. Dr. Couto fazia questão de elogiar a eficiência, o trabalho metódico, a bondade, os bons propósitos e, acima de tudo, a honestidade – isso além da excelência da comida caseira, do trivial variado, ‘da companhia necessária, quando Dulce se foi’, nas palavras dele.

“Isso eu descobri por conta própria – disse o Hércules. É claro que dona Margarida – como todos envolvidos – já foi convocada para fazer depoimento, principalmente por ter sido quem encontrou o corpo do Dr. Couto enfiado pela metade no forno. Me fez saber sobre a sobrinha, o relaci-

onamento com Rodhrygo e da netinha, filha do casal. Mas isso é outra conversa para ser tratada outra hora. Foi ela também quem me confirmou sobre vocês dois, os demais amigos, quando então pude separar o joio do trigo.

Dona Margarida também me confirmou sobre os bens e pertences do casal e tudo que ela declarou confere com o que vocês se propuseram fazer. De forma que, feitos os devidos relatórios, até já autorizei a devolução dos bens ao filho do Dr. Couto. O exame de corpo delito está finalizado, os funerais foram liberados e, conforme eu e o Dr. Coutinho combinamos, assim que ele tiver livre das obrigações mais importantes, virá aqui fazer o depoimento final. Resumindo: o processo está em fase de conclusão e, depois de anexar alguns detalhes e provas, estará pronto para ser remetido à Promotoria".

Sinceramente! Ficamos admirados com a rapidez que o caso estava andando. Essas coisas costumam demorar semanas, meses, anos, mas o caso do Dr. Couto, talvez por ter o Dr. Hércules chegado habilmente a um resultado que apontava para o acusado, caminhava célere. Fizemos um parêntese para falar com Dr. Hércules sobre a sobrinha de dona Margarida e seu namorado. Ela era bonitinha e simples, puxou o lado materno, branca, cabelos castanhos, roupas e adereços simples, gábitos caseiros – parece que a educação ficou a cargo da tia Margarida, pois perdeu a mãe para uma bala perdida, ali mesmo na comunidade do Baldraco. Mas o rapaz não negava as origens: mulato, tronco e braços fortes, tatuados com símbolos e frases que só mesmo os seus companheiros deviam entender. Repassamos ao Hércules o interrogatório feito a dona Margarida sobre o rapaz, o relacionamento com Anabela e ela foi condescendente e sincera:

"Eles se amam e estão juntos há três anos. Já ganhei uma netinha de dois anos e meio. Até agora nada tenho a reclamar quanto ao tratamento que Rodhrygo dá a ela e a mim. Moramos na mesma comunidade, eles vêm aqui algumas vezes pedir alguma coisa ou almoçar, Dr. Couto tem conhecimento das relações e sempre ajudava nas necessidades. Foi Dr. Couto quem indicou o amigo, médico Maternidade Carmela Dutra, para fazer o parto. Nos outros detalhes da vida pessoal dele, vocês sabem muito bem, é bom a gente não procurar saber, se souber, ficar de bico calado, jamais se intrometer nos particulares dele. Já foi muito triste ver a minha irmã vitimada por uma bala perdida num confronto, que nem tinha polícia no meio, era coisa de traficante contra traficante ou miliciano querendo tomar o lugar".

Hércules terminou de beber o cafezinho e começou a se despedir:

"Ah, uma coisa importante: já pode divulgar a notícia de que a polícia tem certeza de que a morte do Dr. Couto não se trata de suicídio: ele foi assassinato. Espalha a novidade para ver qual será a reação de cada um. Outra coisa, já tenho o nome dos dois elementos que têm cópia das chaves da casa. Um deles – apostador contumaz – confessou uma dívida de grande importância ao Dr. Couto e que procurará liquidar o valor com o filho dele, Coutinho, de quem é amigo".

Nos despedimos elogiando o trabalho do jovem detetive e ele respondeu sorrindo e um muito obrigado, verdadeiramente agradecido pela nossa colaboração, à qual dávamos grande importância, mas talvez não fosse assim tão considerável. Antes de seguir para a Delegacia, Hércules se virou pata nós e disse, com as feições sérias:

"E não esqueçam de outra coisa muito importante: vocês também são suspeitos!"

*****

A viatura parou bem em frente ao Bar Carlito, deixando todo mundo curioso, como era de se esperar. Era uma sexta-feira e o local estava cheio, também devido ao horário, já era tempo de servir

refeições e não só bebida. Ah, sim, ainda não identifiquei o Bar Carlito que a gente se encontrava, hábito que se enraizou por anos de convívio, *mutatis mutandi*, com algumas alternativas. Durante todo o tempo sempre alguém entrava ou saía do grupo, que, aliás, não era um *clube do bolinha*, as mulheres, esposas, namoradas, solteiras, tinham livre acesso ao grupo, chegavam a qualquer momento e eram bem-vindas e, muito natural, alguns casais se fizeram e se desfizeram na convivência com aquela sociedade de bebuns.

Com os muitos problemas, o Bar Carlito criou serviços de pedido e entrega (delivery, como se diz), atendidos por WhatsApp – justo naquela hora as encomendas começavam a ser preparadas e embaladas para entrega. Para o Ernesto, enfim, a presença das autoridades policiais naquele momento era o pior que podia acontecer, mas polícia não vive de hora marcada, e tem justamente na surpresa um dos elementos mais efetivos. Ainda bem que o detetive Hércules não era insensível a esse fato: é do comércio, dos serviços, da indústria que a sociedade como um todo sobrevive. Só ele saiu do carro, entrou, cumprimentou a todos e foi direto ao Ernesto para um particular que durou cerca de dez minutos. Teve, em seguida, uma longa conversa com Portuga, Severino e Tocão, negro magrela, já com uns 50 anos nas costas, aposentado como motorista da Petrobrás. Depois do papo os três entraram na viatura e saíram do local.

O bafafá se fez. Conforme o pedido do Hércules, tínhamos difundido largamente a descoberta da polícia de que o Dr. Couto não cometeu suicídio algum, mas que tinha sido assassinado. A informação pegou todo mundo de surpresa, foi um rebuliço geral, o vozerio aumentou de volume, os frequentadores ocasionais, que não tinham conhecimento de nada, ficaram em alerta: algo tinha ocorrido e eles não sabiam o quê. Aos poucos, porém, a tensão diminuiu, o assunto passou a segundo plano, ouviu-se o vozeirão do Professor, que trouxe a tiracolo o amigo Ricardo – cineasta e historiador – para conhecer o pedaço. Em menos de uma hora tudo o que se ouvia era conversa de botequim mesmo: tudo sobre vacinação, estatísticas da Pandemia, possível guerra na Ucrânia. O que se notou de anormal é que Portuga, Severino e Tocão, não voltaram ao Carlito nesse dia, a não ser que tivessem chegado perto da meia-noite quando a turma era outra e a saideira estava sendo servida.

Os detetives e policiais modernos, principalmente da polícia civil, que é tradicionalmente investigativa, não lembram em nada a truculência institucional adotada por alguns detetives, que ficaram famosos justo por isso, passaram à história tanto como malfeitores, quanto como heróis, figuras de um tempo que o escritor Luís Martins registrou nos romances-reportagens “Lapa” e “Noturno da Lapa”. Quando o carioca Luís Martins – já paulista assumido há muitos anos – viu ir ao prelo a edição do livro “Noturno da Lapa”, escrito sob encomenda para sair na coleção comemorativa dos 400 anos da fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, resolveu por conta própria, “como quem visita, acabado o espetáculo, um teatro vazio”, dar a última mirada no local boêmio onde conviveu com amigos e encarou por muitas aventuras, algumas das quais decantadas em prosa e verso.

A Lapa do Rio de Janeiro não é bairro, é um reduto que dá fim (ou começo) ao antigo Centro da cidade, cujas fronteiras vêm da Praça Onze, Largo do Caco, Campo de Santana, Praça da Cruz Vermelha, Praça Tiradentes, por aí. Varando a Rua Frei Caneca para lá chega-se à Zona Norte depois da Cidade Nova, Mangue e Praça da Bandeira. Cercam a Lapa por outro lado o Bairro de Fátima, Santa Teresa e Glória. Todo esse entorno, porém, sofre influência da Lapa, daí a dificuldade em delimitar fronteiras. Não obstante as histórias se encontrarem na aparência dos mesmos caracteres, a Lapa de 1940 não é (nem poderia ser) a Lapa da década de 1960: No seu aspecto geral, como logradouro urbano, a Lapa pouco mudou. Era lugar de bandido famoso, cafetão, agiota, dono de “empresa de táxis” – como chamavam as prostitutas que serviam a ele.

Pois foi nesse ambiente que os grandes e famosos Delegados de Polícia surgiram e passaram à história, devido ao rigor e métodos para tratar a bandidagem já estabelecida como máfia, crime or-

ganizado, podia se dizer. Levar a Lei e a ordem ao inferno não é coisa fácil, nem se faz com orações. Esses bandidos e bandidas, que eram famosos por 'mandar no lugar' tinham a Lapa nas mãos e teriam por anos, pois alguns policiais criminosos davam uma ajudinha a troco de vultosas propinas. Isso tinha que acabar, as organizações tinham de ser desbaratadas, a Lapa tinha que voltar a ser a "Montparnasse brasileira", como a sociedade e a imprensa carioca escolheu tratar uma época áurea. A rigor, a Lapa é uma extensão do bairro de Santa Teresa, esse sim, reduto de artistas, restaurantes, pousadas, ateliês e residências famosas.

A partir de 1860, a Lapa parisiense passa a fazer parte do 14º *arrondissement*. Conta-se que Guy de Maupassant, Charles Baudelaire, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Cesar Vallejo, Júlio Cortázar e Samuel Beckett, além de pintores, escritores, cineastas, teatrólogos, frequentaram e moraram em Montparnasse. Hoje seus restos mortais habitam o não menos célebre Cemitério de Montparnasse, endereço certo dos turistas, cineastas e estudiosos da história rica e profícua daquela época.

A semelhança com o bairro elitista parisiense decorre da ocupação similar: os moradores são em grande maioria artistas de diversas categorias. Além do mais, os bares, cafeterias, casas noturnas da Rue de la Gaïté com mesas ao ar livre, favorece a comparação. Montparnasse tinha casas especiais, os bares-cinemas, as casas de ópio, e visite os locais frequentados por diversos artistas famosos, inclusive Man Ray e Jean Cocteau. Montparnasse era considerada o centro da vida artística e intelectual do início do século XX.

Nessas condições de violência extrema, a polícia teve que montar uma operação de guerra, terra arrasada, isto é, de tolerância zero, do mesmo modo que o NYPD praticou em Nova York para acabar com a criminalidade das gangues de ruas. Fez-se um lobby para cessar a violência, proprietários de casas de prostituição e jogo mexeram os pauzinhos, mas a ordem veio do poder mais alto do país e a devastação foi geral: houve um tempo que a Lapa morreu.

*****

Três dias depois eu e Miranda encontramos Portuga, Severino e Tocão, conversando com a turma do Carlito. Nos enturmamos também, Miranda pediu uma Salinas de abrideira, eu peguei mais leve, fui de água tônica. O assunto, claro, era ainda a ida dos três amigos para depor na Delegacia. Em resumo, segundo fomos atualizados, Portuga, Severino e Tocão, foram interrogados separadamente, obviamente, sobre a morte do Couto. Nenhum questionamento que sugerisse suspeita a qualquer um deles foi levado em conta. De modo geral, a polícia dirigiu as perguntas dando mais importância aos detalhes da vida do Dr. Couto, da vida própria, pessoal, que levava após a morte da esposa, dona Dulce, das relações com a família de dona Margarida.

Com esses pedaços, às vezes ínfimos, recolhidos nos depoimentos de cada um deles, Hércules conseguiu montar um quadro satisfatório para a investigação. De detalhe em detalhe, o detetive montava mentalmente o quebra-cabeças de um caso aparente de suicídio, mas que as circunstâncias comprovaram a impossibilidade de ter ocorrido. E que, depois do latrocínio ter sido descartado, do detalhado exame do corpo delito, do estudo do laudo dos peritos que examinaram os vestígios deixados pelo crime, após a minuciosa autópsia e exames de DNA em andamento, toda a investigação chegou a um beco sem saída, onde todos os suspeitos se mostraram cabalmente insuspeitos.

O Coutinho também compareceu à Delegacia, decerto convocado em segredo pelo Hércules, para aproveitar a presença do terceto presente. A presença dele na Delegacia, por motivos óbvios, foi justificada como para prestar depoimento, como todos os outros ali presentes. Na verdade o Hércules colocou o Dr. Coutinho de oitiva fora de vista, para depois ser ouvido sobre as falas dos demais. Tocão foi o mais pressionado em razão da dívida que tinha com Dr. Couto, mas o tema foi tra-

tado sabendo-se que não havia nenhuma ligação com as ocorrências que culminaram com a morte do médico. Por outro lado, a presença do filho Coutinho veio a calhar, porque Tocão pôde tocar no assunto abertamente e, em particular, definir de comum acordo os termos para saldar a dívida. Os três foram dispensados, só ficou o Coutinho para dar a interpretação pessoal sobre o que ouviu, o que fez rapidamente, pois deixou muita coisa pendente para resolver, o tempo urgia e seu retorno à Austrália era necessário.

No Bar Carlito, entre os amigos, o ambiente ainda se mantinha tenso, mas a morte do Dr. Couto deixou de ser o assunto principal. Mesmo porque nem todos os frequentadores nos conheciam, muito menos o Dr. Couto, ignorando o fato. Havia um certo alívio pois tudo se encaminhava para a não participação de quem quer que fosse daquele grupo de amigos. Caso contrário, seria uma tragédia. Mesmo assim um e outro alimentavam o entendimento sub-reptício de culpabilidade, escondiam um certo ressabio, um desconforto social, mas era tudo discriminação mesmo. Quem deu fim a essa condenação prévia – que de fato existe em cada um – foi o próprio Detetive Hércules, quando chegou ao Bar Carlito e, de repente, abrindo os braços exclamou "Turma, hoje estou de folga! Então pensei em aceitar aquela Lager geladinha que o Miranda sempre me oferece".

"Gostaria de poder reunir todos os suspeitos aqui, como faria o meu xará Hercule Poirot e, após detalhar de como os suspeitos foram inocentados, apontar o dedo para o autor do crime e provar com todas as evidências e pistas a sua culpa. Infelizmente não será assim. Não estamos escrevendo um romance policial à moda da dona Agatha Christie. Ao contrário, para felicidade de todos e o bem geral da nação, quero informar, extraoficialmente, que todos vocês, bebuns do clube de bebedores de cerveja do Cachambi, estão livres de suspeita pela morte do Dr. Couto. E mais não digo, pois não estou de trabalho, a não ser que eu e os colegas da Delegacia do Méier estamos na reta final. Brevemente os exames de DNA estarão à mesa e então teremos notícias oficiais sobre o caso. Agora, Miranda, por favor pede aquela Lager geladinha e bebamos à nossa saúde, porque a epidemia ainda não acabou e o vírus está de olho em nós!"

Ninguém ficou mais contente com a notícia do que o próprio Ernesto, que tinha a certeza absoluta de que não abrigava sob o teto sagrado do seu pé sujo, um grupo de delinquentes e sim frequentadores pacíficos e alegres conhecidos há anos. Isso, a não ser quando alguém, excedendo-se na biritagem, metido a galã de novela, se atrevia a cantar a mulher do próximo…

*****

"E agora?"

"E agora, o quê?"

"Como fica a investigação, porque, de acordo com o que o Miranda esclareceu, não existe nenhum suspeito".

"Bom, agora pode ser que tudo volte a estaca zero."

"Quer dizer que o Couto se suicidou mesmo?"

"Olha, o Hércules me perguntou se eu sabia que o Couto consumia cocaína".

"Para mim também fez a mesma pergunta. Será que perguntou a todos?"

"Mas por quê?"

"Vai ver, no exame do IML encontraram traços de cocaína no sangue."

“Mas eu respondi que tinha absoluta certeza que o Couto não era um consumidor de drogas, muito menos cocaína”.

“Eu afirmei mais ou menos igual. A coisa mais transgressora que o Couto fez foi dar um tapa no bagulho que eu estava fumando antes de sair de casa”.

“Uma coisa não neguei: o Couto aplicava cocaína na Dulce para aliviar os sofrimentos do câncer nos últimos dias de vida da coitada”.

“É. Aqueles papelotes escondidos em casa devem ter alertado o Hércules para esta versão dos fatos, mas o consumo de cocaína por si só não é elemento determinante de suicídio”.

“Suicídio acidental, talvez chamem assim. A Elis Regina sofreu o piripaque que a levou à morte desse jeito. É o que a imprensa disse na época”.

“Pois é. Suicídio no Cachambi. Não foi o primeiro, nem será o último”.

“A Solange, lembra? Aquela mulata maravilhosa! Linda! Perfeita! Miss Alvim E. C., Rainha da Bateria do G. R. E. S. Unidos da Cabral”.

“Último exemplar de beleza mestiça, do tempo que se valorizava e respeitava a mulata como a brasileira mais típica, a miscigenação que encerraria as disputas raciais, sonhada em todo o mundo”.

“Sim, você lembrou bem. A Solange… De vez em quando bebia umas cervejas com a gente. Uma pessoa alegre, risonha, não se via motivo nem tristeza que levasse ao suicídio”.

“E por pura coincidência se suicidou usando quase o mesmo método atribuído ao Couto: ligou o gás, enfiou a cabeça no forno e respirou fundo”.

“Dizem os expertos em suicídio que é a melhor maneira de fazê-lo. Tanto no gás, quanto na água: respirar profundamente. É tiro e queda...”

“Já o doutor Pedro Nava chegou à conclusão que o método mais eficaz e menos agressivo para a aparência do morto é o tiro na têmpora”.

“Aí depende do ponto de vista”.

“Tem aqueles que preferem o suicídio espetacular: saltar da Torre Eiffel, do edifício Empire State, das Cataratas Niagara”.

“Enfim, tem maluco para tudo!”

“Quem quer se suicidar não pula do primeiro andar”.

“Depois que a Ponte Rio-Niterói foi inaugurada virou moda saltar do vão central”.

“Mas teve um que sobreviveu! O cara teve muita sorte…”

“Ou muito azar, se as dívidas fossem maior que a sua vida.”

“O que será que ele pensou quando acordou na UTI do hospital, cercado de parentes chorosos e cobradores ávidos?”

“Que porra estou fazendo aqui?”

“Não seja tão cruel”.

“Talvez tenha recobrado o juízo: – Deu tudo errado, mas graças a Deus sobrevivi”.

“Conversa fiada. Não existe maior desgraça, maior desonra, para um suicida do que sobreviver à tentativa de suicídio”.

“Miranda, estamos divagando; o Couto, o Couto, não! O Couto seria incapaz de cometer suicídio, jamais. Não o Couto, não o Couto”.

“Tem razão. Essa – sabemos nós, sem radicalismo – é uma impossibilidade total”.

“O Couto não tinha coragem de matar uma formiga, quanto mais matar a si próprio. Não”.

“Então só tem uma resposta. Só uma solução”.

Miranda foi taxativo. Os pensamentos de ambos se voltaram para o suspeito mais evidente: Rodhrygo. Negro, morador de comunidade, vendedor de drogas, dono de Boca de Fumo, era o culpado pela morte do Dr. Couto. Mas esse pensamento que não deixa dúvidas, essa culpabilidade que ficou tão evidente e todas as demais provas, esbarram num senão: o próprio Detetive Hércules descartou Rodhrygo do rol de suspeitos, depois que conseguiu depoimentos extraoficiais de compradores, clientes, revendedores de drogas, vizinhos e amigos cujos nomes foram encontrados no celular dele. Todos, inclusive Anabela, atestaram que Rodhrygo passou a noite toda na Baldraco e só foi dormir quando amanhecia.

*****

No Bar Carlito o assunto esfriou e foi esquecido, senão de uma vez para sempre, raramente era lembrado. Afinal, ninguém ali entre nosso pequeno grupo, tinha prazer em rememorar a tragédia por que passou o casal Couto. Primeiro Dulce, a doce Dulcinha como o Couto meio bêbado gostava de referir, a luta vã contra o câncer, doença muitas vezes pior que o covid, se é possível tal comparação. Depois o Couto, que se suicidou, foi levado ao suicídio, foi suicidado ou vilmente assassinado.

Se não era bom relembrar a tragédia, muito pior era relembrá-los vivos, caminhando pelo comércio, recebendo visitas, a figura de Dulce a caminho da Igreja Aparecida ou do Centro Comunitário. Era tema a ser evitado porque trazia tristeza, ensombrecia o ambiente, calava os amigos. As poucas vezes que o detetive Hércules foi visto pelo local foi de passagem, apenas acenou de longe e seguiu em frente. Isso mesmo, era essa a regra: seguir em frente. Nem sequer nos abriu o apetite saber qual o final das investigações. Para quê? O que interessaria saber quem matou o Couto? Ele se foi, um pouco cedo é certo, mas não estava mais entre nós, afinal, não somos imortais, um dia todos nós teremos que partir. Dulce virou lembrança, Couto virou brinde…

Uma dessas lembranças foi o Miranda quem levantou, veio naturalmente:

“Costumávamos passar pela casa do Couto para sequestrá-lo direto ao Bar Carlito. Quando Margarida ia nos receber à porta e anunciava ao Couto a chegada dos amigos, a Dulce já adivinhava: tinha comemoração no Bar Carlito. Entre a nossa chegada até a saída, dona Margarida trazia um

cafezinho feito na hora, o Couto preparava doses do uísque Glenfiddich 18 anos nos tradicionais copos de fundo grosso com gelo, ao que se seguia muita conversa, recados e troca de presentes entre as esposas e amigas, novidades do Centro Comunitário (paixão da Dulce) e outros temas do bairro. Quando todos os assuntos pareciam ter sido levantados, chegava a apoteose: pedíamos à Dulce que tocasse algo para nós. Com esse pedido ganhávamos pontos, o raro sorriso nas faces pálidas da Dulce e música de belíssima qualidade.

O piano Playel meia cauda no canto da sala, que a caprichosa Margarida mantinha sempre brilhante, ganhava vida. Dulce levantava a tampa que cobria o teclado, protegido da poeira por uma cobertura de feltro, testava o som com alguns acordes e notas aleatórias, que soavam refletidos pela acústica natural do teto de madeira. Depois o que se seguia era a apresentação de um repertório bem representativo da personalidade sensível de Dulce. Algumas das Valsas de Esquina, de Francisco Mignone, as Cirandas mais conhecidas de Villa-Lobos, noturnos e valsas de Chopin, maxixes de Chiquinha Gonzaga. No ambiente habitava o silêncio, apenas quebrado pelas notas que floresciam do teclado do Playel, onde os dedos alvos e longos de Dulce brincavam como crianças na Quinta da Boa Vista.

Nessas ocasiões eu costumava alternar a vista pelos semblantes do Couto e da Dulce, tentando decifrar-lhes a emoção, o sentimento. A mão do Couto apertava o copo, a comoção aguda era percebida a cada gole do uísque, os olhos se umedeciam das quase lágrimas, os lábios se apertavam demonstrando o desespero do qual os médicos fogem como o diabo da cruz, ante o mal inexorável que haveria de dar fim a esses momentos. Depois o seu olhar dava uma volta pelo ambiente, encontrando nas expressões comovidas dos amigos do peito, dos irmãos que não teve, o apoio imprescindível para aguentar aqueles momentos difíceis.

Já o semblante da Dulce, sereno e concentrado na música, creio, não transmitia tanto essas amarguras, como seria de esperar. Até arriscaria dizer que ela estava no torpor da felicidade. As feições e emoções da Dulce eram difíceis de descrever porque mudavam a cada momento. Ela era possuidora de uma beleza rara, não convencional: se pudesse montar um retrato daquele rosto de expressão enigmática, diria que tinha os olhos da Marina Colasanti, o nariz empinado de Ana Cristina César, os lábios de Frida Kahlo, o que dava ao semblante, simultaneamente, um misto de alegria e tristeza, fé e descrença. Esse semblante múltiplo e desafiador se mostrava claramente quando ela estava ao piano e fazia ressoar as músicas de um repertório que refletia aquela mesma fisionomia e espelhava a própria vida.

Ao fim de tão belo recital, aí sim, podíamos recrutar o Couto para o Bar Carlito. Quando começamos o ritual das despedidas, já dava para sentir o aroma gostoso da comida que vinha da cozinha. Já estávamos à altura do portão da saída quando Dulce nos interrompeu, falando em tom alegre:

"Ah, esqueci de avisar a vocês uma coisa: já telefonei para as minhas amigas e respectivas esposas convidando-as para almoçar comigo. A boa notícia é que elas aceitaram. Então, nada de encher a cara em demasia: na hora do almoço quero todo mundo aqui cheio de apetite para devorar os assados que a Margarida está preparando. Chau!"

*****

Dr. Hércules passou de carro devagar pela frente do Bar Carlito, viu que a maioria da turma estava ali, acenou, deu a volta e estacionou ali mesmo na Rua Honório. Estava vindo do borracheiro: um dos pneus dianteiros arriou, teve que ficar para ser reparado, trocou provisoriamente por um recauchutado e estava ali. Deu e recebeu cumprimentos.

“Como estão todos?”

A conversa girou sobre a Pandemia do Covid-19, que estava enfim entrando nos finalmente, sobre as eleições que estavam chegando cheias de *fake-news*, o Carnaval fora de época, que foi igualzinho ao Carnaval na época, sobre futebol e os times ditos *grandes* que estão disputando a Série-B do Campeonato Brasileiro, até que o detetive perguntou:

“Então, vocês não querem saber o que aconteceu ao caso do Dr. Couto? Já esqueceram o grande amigo, né? Vida ingrata...”

O que ele não sabia é que, justamente por não estarem esquecidos do grande amigo, não falavam no assunto. Mas de repente todo mundo mostrou interesse, aliás, mais curiosidade que interesse e fizeram roda em torno do policial.

“Depois de juntar todas as peças não ficou muito difícil: uma dose forte de uísque com cocaína – adicionada por dona Margarida – foi o que provocou o ataque cardíaco que pôs o Dr. Couto caído ao chão. Daí aquele edema na cabeça que parecia resultado de uma pancada”.

“Mas, logo dona Margarida, que era pessoa de confiança e morou com o casal desde o matrimônio? O que ela tinha contra o Couto? O que ela poderia ter contra o Couto, que sempre a ajudou?”

“Já vi que vocês realmente não sabem nada” – disse o Hércules, interrompendo o monte de perguntas que todos faziam ao mesmo tempo. “Primeiro, a Anabela não é sobrinha de dona Margarida coisa nenhuma. É filha. E o pai? O Dr. Couto!”

“O Couto? Com dona Margarida? Não dá para acreditar…”

“Sim, não dá mesmo. Mas está tudo provado através de exames de DNA. Ademais, todas as circunstâncias que levaram a essa relação são compreensíveis e se encaixam perfeitamente na história. Dona Dulce gravemente enferma, fazendo quimioterapia, o Dr. Couto entregue à bebida, inconsolável, as noites solitárias, vazias, a presença constante e confortadora de dona Margarida – tudo isso encontrou aceitação na fragilidade do homem. Justo por isso que ele encontrou em dona Margarida a única coisa que vocês, os amigos, não poderiam dar”.

“Mas tudo indicava a participação do Rodhrygo, mesmo tendo o álibi incontestável”.

“Sim, ele não estava presente, mas conseguimos encaixar o Rodhrygo na coautoria: foi ele quem forneceu a cocaína, quem alimentou a decisão, quem deu a ideia de servir a droga adicionada ao uísque”.

“Mas, ainda assim, não vejo motivação. Porque, até mesmo ao Rodhrygo, o Couto prestava ajuda, principalmente na área médica”.

“A motivação, de fato, era empírica. Após a morte de dona Dulce, ao ver Dr. Couto em depressão, aposentado, entregue ao álcool, dona Margarida acreditava que – se também o Couto lhe faltasse – tudo ruiria: ela, a filha e a neta ficariam desamparadas. Mas aquele envelope que a polícia encontrou escondido debaixo de um gavetão, endereçado ao seu filho, continha uma declaração do Dr. Couto reconhecendo a paternidade quanto à Anabela e- digamos – a *avôridade* da Belinha…”

Miranda interveio: “Então era por isso que o Couto – generoso como era – vivia enchendo a Anabela e a filha Belinha de presentes, bancava festas de aniversário, de Natal, dia disso, dia daquilo. Agora tudo se justifica: era pai e avô exemplar”.

“Se vê que a tragédia não ocorreria se isso fosse do conhecimento de dona Margarida. Ademais, antes de retornar a Austrália, o Coutinho reconheceu a irmã (quando imaginaria que tinha uma?) e, após retirar alguns itens de interesse sentimental e lembranças pessoais, transferiu a casa e toda a mobília para o nome de Anabela e da Belinha, tudo expressamente registrado em Cartório, protegendo-as de qualquer tramoia, garantindo a elas um futuro mais tranquilo”.

Os amigos, em uníssono, elogiaram o trabalho da polícia, em particular do detetive Hércules, que ouviu com profissionalismo a opinião deles sobre a dificuldade de reconhecer Dr. Couto como potencial suicida. Isso e algumas evidências levaram o caso para o crime de homicídio, bem resolvido pela justiça. Enfim, tudo agora estava solucionado, deixando a memória do Couto em paz, a vida sem a mácula de um improvável suicídio.

O Couto retomou, assim, o merecido lugar de merecer brinde obrigatório tanto na abrideira, quanto na saideira.

Rio de Janeiro, Cachambi, março/maio de 2022.
Ano do fim da Pandemia do Covid-19.